

## Entrevista

### Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX/UFRJ)

Marcus Maia<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

#### *Entrevista concedida aos professores Kátia Abreu e Eduardo Kenedy*

**Soletras:** *Quando o seu LAB foi fundado? Qual foi sua experiência em LABs de Psicolinguística anterior à fundação do LAB que coordena?*

O Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX/UFRJ) iniciou atividades no ano de 1997, a princípio na sala H-308, depois na sala D-70, tendo se mudado, em 2011, para a atual sala D-101, da Faculdade de Letras. Estamos completando, portanto, em 2017, 20 anos de existência. Começamos com dois computadores *Macintosh* e uma caixa de botões, importados com recursos recebidos do Programa Piloto de Apoio a Docente Recém-Doutor da UFRJ, em 1996. No ano 2000, o LAPEX passou a integrar o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Ao longo dessas duas décadas, o laboratório já recebeu apoio da CAPES, CNPq, FAPERJ, além da UFRJ.

Durante o doutorado, na University of Southern California (USC), havia desenvolvido experimentos psicolinguísticos (*priming*, leitura automonitorada, julgamento imediato de aceitabilidade) para minha tese sobre o processamento anafórico do objeto direto em português brasileiro, orientada por Joseph Aoun e por Maryellen MacDonald, no laboratório de psicolinguística recém fundado por ela e por Mark Seidenberg, que era equipado com computadores e programas para a plataforma *Apple Macintosh*, com o suporte de *button-boxes* especialmente desenvolvidas para essa plataforma pela *New Micros*. Então, minha primeira experiência foi com essa plataforma, usando programas de implementação de experimentos como o *Psyscope* e também programas de gerenciamento e análise de dados para *Macintosh*. Naquele período, a compatibilidade entre os Macs e os PCs era praticamente

---

<sup>1</sup> Coordenador do Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX). Professor titular de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador do CNPq e membro fundador da Rede Nacional de Ciência para a Educação (Rede CpE). [maiamarcus@gmail.com](mailto:maiamarcus@gmail.com)

inexistente, eram plataformas e usuários bem diferentes. Então, ao voltar ao Brasil, montando o meu próprio laboratório, optei pelos equipamentos e programas que já conhecia bem. Como, em meados da década de 90, praticamente não havia computadores *Apple* no Brasil, precisei importá-los.

**Soletras:** *Quais os principais temas de pesquisa que seu LAB vem contemplando ao longo dos anos?*

Na USC, havia desenvolvido tese sobre o processamento da correferência anafórica, então esse tema esteve, naturalmente, entre os primeiros que entretive no LAPEX, seja em pesquisas minhas próprias, seja na orientação de dissertações e teses. Por exemplo, as teses de Maria de Fátima Benício de Melo (UFRJ) e de Marcio Leitão (UFPB) versaram sobre esse tema. Outro tema que temos perseguido no LAPEX é a testagem dos princípios da teoria do *Garden-Path*, pesquisa básica que vimos desenvolvendo desde a fundação do laboratório. A tese do Antonio Ribeiro (UFF), por exemplo, foi sobre o princípio *Late Closure*. Naquela ocasião esse princípio vinha sendo estudado intensamente por conta dos achados de Cuetos & Mitchell que indicavam, através de estudos de leitura automonitorada e de questionário, que o processamento de orações relativas apostas a *Determiner Phrases (DP)* complexos divergia em espanhol e inglês. Então nós nos engajamos desde cedo nessa pesquisa. Agora, o primeiro experimento da tese do Antonio só foi possível, com o apoio do LAPAL, o laboratório da PUC-Rio, coordenado pela Professora Letícia Sicuro Correa (PUC-Rio), que disponibilizou *hardware* e *software* para que o Antonio pudesse fazer seu primeiro teste, pois os equipamentos importados pelo LAPEX ainda não haviam chegado.

O Princípio *Late Closure* foi também testado na tese da Maria do Carmo Lourenço-Gomes, pesquisadora do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, agora já entretendo a Hipótese da Prosódia Implícita, manipulando-se o comprimento de constituintes. As orações relativas também continuaram a ser investigadas, como na tese do Eduardo Kenedy (UFF) que foi, inclusive, a Lisboa, para comparar, através de estudos de leitura automonitorada, construções *pied-piping* nas duas variantes do português.

Olhando assim à distância, parece claro que um dos temas recorrentes no LAPEX, além da testagem de princípios da Teoria do *Garden-Path*, foram as construções com impacto na periferia esquerda da frase, tais como orações relativas, construções interrogativas, construções de tópico, foco, evidenciais, advérbios, que têm todas sido objeto de pesquisa

experimental no laboratório. Estudos utilizando diferentes técnicas têm sido desenvolvidos buscando analisar o curso temporal de acesso a diferentes informações na compreensão de construções A-barra, mas também levando em conta a estrutura argumental de verbos e nomes, além de relações de concordância. Mais recentemente, venho desenvolvendo também um programa de pesquisa sobre a compreensão de construções interrogativas QU em português brasileiro, a partir do diagnóstico do chamado *filled gap effect*, o efeito da lacuna preenchida.

Em suma, avalio que temos feito, no LAPEX, tanto Processamento de Frases, testando questões diretamente relacionadas a teorias de processamento, quanto Sintaxe Experimental, dialogando mais estreitamente com teorias gramaticais, seja tomando como referência o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), seja com base no Projeto Cartográfico (RIZZI, 1997) ou na Teoria da Morfologia Distribuída (MARANTZ; HALLE, 1993). Além da tese do Eduardo Kenedy, que tomou como referência o Programa Minimalista, produziram-se no LAPEX trabalhos como o do Paulo Pinheiro Correa, da Daniela Cid de Garcia, da Rosana Oliveira, que dialogaram com a Teoria da Morfologia Distribuída, quer fazendo experimentos, quer não. O projeto cartográfico também forneceu o quadro teórico para o trabalho do Mauro SantøAnna sobre ordenamento de advérbios, entre outros.

Devo mencionar também uma linha que resultou da relação com o curso de Fonoaudiologia da UFRJ, em que tenho ministrado por quase duas décadas a disciplina Psicolinguística. Alguns estudos experimentais foram realizados no LAPEX investigando déficits, como, por exemplo, os trabalhos de Luciana Mendes Pereira sobre o processamento na dislexia e o de Guiomar Albuquerque sobre o Transtorno do Déficit da Atenção e Hiperatividade.

O LAPEX também sempre apoiou o desenvolvimento de pesquisas em coorientação com outros pesquisadores, tais como o trabalho do Thiago Motta Sampaio, sobre coerção aspectual, cujo orientador principal foi a Professora Anieli França; o trabalho de Paula Luegi sobre o processamento anafórico em português brasileiro e europeu, que teve como orientador principal a Professora Armanda Costa, da Universidade de Lisboa; os trabalhos da Raquel Fellet Lawall e de Andie Faber sobre Espanhol L1 e L2, realizados em colaboração com o Professor Luiz Amaral, da University of Massachusetts-Amherst; o trabalho da Katia Abreu (UERJ) sobre o processamento de siglas, orientado pela Professora Maria Carlota Rosa

(UFRJ); o trabalho de Isabella Lopes Pederneira (UFRJ) sobre a computação morfológica, orientado pela Professora Miriam Lemle (UFRJ).

Paralelamente às pesquisas experimentais, mantivemos também desde, basicamente, a mesma época em que formamos o LAPEX, pesquisa sobre línguas indígenas, usando métodos mais tradicionais de pesquisa de campo e de coleta e análise de dados. Foi apenas a partir de 2010, no entanto, com a dissertação de Cristiane Oliveira (UFRJ) sobre correferência e dêixis na língua Karajá que iniciamos uma nova linha no laboratório, que se pode chamar de õpesquisa de campo experimental com línguas indígenas, título de meu projeto de produtividade em pesquisa apoiado pelo CNPq, na época, que procurou reunir as duas linhas de pesquisa que vínhamos praticando em paralelo. Sintomaticamente, a pesquisa de campo experimental vem se firmando no Brasil e no mundo, permitindo que a Revolução Cognitivista finalmente chegue ao estudo de línguas indígenas que, agora, além dos procedimentos de análise de *corpora*, podem contar com a investigação dos processos cognitivos na compreensão e na aquisição da linguagem. No Brasil, sem dúvida, o LAPEX foi pioneiro nesses estudos. Recentemente, com a defesa da tese de doutorado da Marcia Nascimento, apresentada na Faculdade de Letras da UFRJ, sobre evidências na língua Kaingang, fomos pioneiros também ao viabilizar a primeira tese de doutorado realizada por pesquisadora indígena, utilizando o método experimental em testes de *sentence/Picture matching* e de rastreamento ocular.

**Soletras:** *Quais as principais técnicas experimentais que vêm sendo empregadas nas pesquisas de seu Lab nos últimos anos?*

Já temos desenvolvido no LAPEX estudos de leitura e de audição automonitoradas, julgamento imediato de aceitabilidade/gramaticalidade, *priming* com decisão lexical, *priming* monomodal e intermodal com reconhecimento de sonda, *priming* encoberto, decisão lexical, *sentence/Picture matching*, produção eliciada e, desde 2007, rastreamento ocular. Em colaboração com o laboratório ACESIN, coordenado pela Profa. Aniela França, temos também tido a oportunidade de desenvolver estudos baseados na extração de potenciais cerebrais evocados. No momento, os dois laboratórios estão realizando pesquisas conjuntas através do novo Laboratório de Eletroencefalografia e Rastreamento Ocular, o LER, em que se vem iniciando projetos de ciência translacional na interface entre a Psicolinguística, a Neurociência da Linguagem e a Educação.

**Soletras:** *Você poderia fazer uma estimativa do total de pesquisas de mestrado e doutorado que foram conduzidas no Lab?*

São quase 50 projetos ó 20 dissertações de mestrado, 23 teses de doutorado e quatro projetos de pós-doutorado já foram desenvolvidos no LAPEX, além de quase três dezenas de projetos de IC e monografias de graduação.

**Soletras:** *O Lab integra alguma rede de cooperação? Poderia citar outros Labs parceiros?*

Como já indiquei acima, temos desenvolvido desde 2004 parceria com o Laboratório de Psicolinguística da Universidade de Lisboa, com pesquisas conjuntas sobre orações relativas, estrutura argumental, havendo-se enviado alunos e também recebido pesquisadores de lá no LAPEX. Estamos no momento planejando o início de novas pesquisas conjuntas entre o LAPEX e a Universidade de Lisboa, agora sobre o tema do infinitivo flexionado, com a participação do Marcello Modesto, da Universidade de São Paulo, com quem acabo de publicar um artigo. Também já enviamos aluna para estágio no Laboratório do Colin Phillips, na *University of Maryland*, que também já enviou aluno para período em laboratórios da UFRJ, entre os quais o LAPEX. Outra parceria foi com a CUNY (The City University of New York), onde fui pesquisador visitante no ano acadêmico 2003-2004, trabalhando com as professoras Janet Fodor e Eva Fernández. Na UMass, Amherst, tenho trabalhado regularmente com os professores Luiz Amaral e Tom Roeper, tendo produzido com eles o congresso e escola de altos estudos *Recursion in Brazilian Language & Beyond*, que contou também com a participação de Andrew Nevins, devendo o livro resultante de uma seleção de trabalhos apresentados no congresso, vários de natureza experimental, aparecer em breve pela *Cambridge University Press*. Há também uma parceria antiga com o Roberto de Almeida, da Concordia University, no Canadá. No Brasil, além de parceria constante com o Syntactic Access Lab (ACESIN), coordenado pela Professora Anieli França, interagimos com o Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (LAPAL / PUC-Rio), em parcerias que envolvem participação em bancas de defesa de teses e dissertações e a organização de eventos. Mantemos atividades congêneres também com o Laboratório de Processamento Linguístico (LAPROL / UFPB), coordenado pelo Professor Marcio Leitão.

Finalmente, o LAPEX é um dos laboratórios que integram a Rede Nacional de Ciência para a Educação (<http://cienciaparaeducacao.org/>), de que somos membros fundadores.

**Soletras:** *Além de trabalhos teóricos de interesse para a área da Psicolinguística, seu Lab desenvolve também pesquisas de interface com a área da Saúde e/ou da Educação? Se sim, quais?*

Como já dissemos acima, temos desenvolvido algumas pesquisas, sobre distúrbios da linguagem, em colaboração com a professora Renata Mousinho, do Curso de Fonoaudiologia, do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ e temos, mais recentemente, iniciado pesquisas voltadas para o desenvolvimento de ações translacionais para a educação básica, no âmbito da Rede CpE. Um texto de divulgação desse trabalho inicial se encontra publicado no *website* da Rede: <http://cienciaparaeducacao.org/blog/2017/03/13/conecta-eye-tracker-um-microscopio-para-ajudar-a-ler-e-escrever/>.

**Soletras:** *Deixe uma palavra de seu Lab para os leitores alunos de graduação interessados em ingressar na área da psicolinguística experimental.*

Esta é uma das áreas mais fascinantes das ciências cognitivas contemporâneas, procurando entender, entre outras coisas, o que acontece na mente quando produzimos e compreendemos palavras e frases. Através de experimentos engenhosos, pode-se explorar o conhecimento sintático em tempo real e aferir suas interfaces com os sistemas de som e significado, fazendo avançar nossa compreensão sobre a arquitetura da linguagem e sobre como a mente funciona. Como já disse na introdução do livro *Psicolinguística, psicolinguísticas*, trata-se de um empreendimento fundamental para entendermos quem realmente somos.

## Referências

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. MIT Press, 1995.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.) *The view from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. Dordrecht, Boston; London: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 281 - 337.

Entrevista realizada em 05 de junho de 2017.